

Vida regional em Santa Catarina

Santa Catarina se diferencia do Rio Grande do Sul e do Paraná pela ausência de metrópole própria. Ora, Porto Alegre e Curitiba, as duas metrópoles do Brasil meridional, unificam a vida do Rio Grande do Sul e do Paraná, integrando as diferentes áreas que compõem tais Estados. Já Santa Catarina não existe como unidade espacial: são oito regiões urbanas pequenas, independentes umas das outras, ligadas em primeira instância às metrópoles referidas quanto ao consumo de bens e serviços e às metrópoles maiores (São Paulo principalmente) quanto ao escoamento da produção.

Quais são as oito regiões urbanas pequenas e suas capitais? Na fachada atlântica existem as regiões de Joinville, do vale do Itajaí (Blumenau), de Florianópolis e o Sul (Tubarão e Criciúma) e no planalto aparecem as áreas de Lajes, do Planalto norte-catarinense (Porto União da Vitória, Canoinhas, Mafra-Rio Negro), do vale do Peixe (Joaçaba-Herval d'Oeste) e o Oeste catarinense (Chapécó). Para entendê-las é preciso relembrar o processo de implantação das atividades primárias e secundárias em Santa Catarina.

Podemos distinguir em Santa Catarina vários tipos de regiões quanto à produção:

1. o litoral açoreano, de povoamento antigo (séc. XVIII), especialmente na área de Florianópolis;
2. o planalto de criação extensiva de bovinos e de economia madeireira: áreas de Lajes e norte-catarinense (também ervateira);
3. as áreas de colonização alemã recente (1880 em diante), em especial o vale do Itajaí e a área de Joinville;
4. a área carbonífera do Sul, de colonização italiana recente;
5. as áreas de colonização predominantemente italiana, muito recentes (séc. XX): vale do Peixe e Oeste catarinense.

Durante os séculos XVII e XVIII os paulistas alcançaram o território catarinense pelo litoral e pelo planalto. No litoral apresaram índios e se instalaram em explorações agrícolas primitivas, quase de subsistência. No planalto estabeleceram-se nos campos naturais, com a criação extensiva de bovinos. O litoral foi transformado no século XVIII com o estabelecimento dos casais açoreanos e madeirenses: as explorações policultoras familiares forneceram, nos fins do século XVIII e inícios do XIX, importantes excedentes alimentares (farinha de mandioca, arroz, feijão, melado, etc.), que se destinaram ao abastecimento do Rio, Salvador, Recife e até mesmo Montevideu. Nasceram, assim, no litoral catarinense os centros comerciais, Desterro, Laguna, São Francisco. No planalto, atendendo à modesta vida de relações, os fazendeiros lentamente passaram a morar parte do ano em pontos de maior convergência, as vilas, que se transformaram no século XX em típicas cidades de residência de fazendeiros (Lajes, Curitibaanos, São Joaquim, Campos Novos).

O século XX marcou para estas áreas tradicionais modificações importantes. A policultura açoreana decalou a ponto de Florianópolis depender totalmente do abastecimento de outras áreas (p. ex. laticínios do vale do Itajaí). As áreas rurais litorâneas são atualmente pobres e miseráveis e mesmo os pescadores são forçados a procurar trabalho fora. Laguna e São Francisco decaíram e foram sobrepujadas comercialmente por centros mais recentes: Tubarão e Joinville, respectivamente. No meio desta pobreza Florianópolis continuou a crescer, graças à função administrativa, que afinal vive de rendas extra-regionais (federais e estaduais). As poucas indústrias e o comércio florianopolitano estão em mãos de alemães principalmente (Hoepecke, Meyer, Muller). Tal fato não deve surpreender, pois a economia do pinho, que vivificou o planalto a partir da segunda guerra mundial e que transformou Itajaí no maior porto madeireiro do Brasil, é obra de italianos e alemães provenientes principalmente do Rio Grande do Sul (Battistella, Gamborgi, Lajes). Assinala-se que no planalto norte-catarinense a produção de ervamato juntou-se o pinho, também por iniciativa de italianos e alemães, mas do Paraná principalmente (Zaniolo: Canoinhas).

Enquanto isto, durante o século XIX (em especial entre 1850-1900), os vales atlânticos foram ocupados por pequenas explorações policultoras de alemães (Joinville e maior parte do vale do Itajaí) e italianos (sul principalmente). As áreas alemãs se industrializaram em vista da imigração de alta qualidade: pequenos industriais e comerciantes, engenheiros e operários especializados, etc., forçados a abandonar a Alemanha por ocasião das crises econômicas. No vale do Itajaí, bem como na área de Joinville, as cidades nasceram a partir da atividade industrial e são raras aquelas onde a população industrial é inferior a 50% da população ativa. A produção têxtil de qualidade, conhecida nacionalmente (Artex, Herling, etc.), predomina no baixo vale do Itajaí, o beneficiamento da madeira no alto-vale, mas na área de Joinville a produção é muito diversificada.

cada o mais moderna: metalúrgica (conexões de ferro, etc.), mecânica (máquinas para madeira, máquinas operatrizes), química (conexões e canos plásticos), etc. De modo geral, nestas áreas alemãs a matéria-prima vem de mercados distantes e os produtos acabados têm em São Paulo e Rio os maiores mercados consumidores.

O sul de Santa Catarina passou por radical transformação com o advento da primeira guerra mundial: as empresas brasileiras consumidoras de carvão (navegação, iluminação a gás) se viram forçadas, na falta do carvão estrangeiro, a iniciar a extração de carvão nacional. Os anos que se seguiram à guerra foram difíceis, mas as leis governamentais estimulando o consumo do carvão nacional (1931 e 1937) e a segunda guerra mundial garantiram a sobrevivência e expansão da economia carbonífera nacional. Atualmente os capitais locais (Santos Guglielmi, Dionício Freitas, Guirini, Zanette, etc.) detêm importante parcela da produção regional, que é a maior do Brasil (2 milhões ton.) e a única que permite preparar o coque. O beneficiamento do carvão e parte do aproveitamento são regionais (Tubarão: lavadores, termoelectricidade e futura siderurgia), mas a maior consumidora é a indústria siderúrgica nacional (Volta Redonda, Usiminas e Cosipa).

A industrialização das áreas alemãs e do sul de Santa Catarina atraiu população de origem luso-brasileira das vizinhanças. Assim, a maior parte dos minérios de carvão são de origem açoreana-madefrense doitoral sul e importante parcela do operariado de Blumenau, Joinville, Brusque, etc., constitui-se igualmente de luso-brasileiros das áreas próximas de agricultura decadente (Tijucas, Itajaí, São Francisco).

Estimuladas pelos excedentes populacionais das velhas colônias italianas e alemãs do Rio Grande do Sul, formaram-se grandes companhias colonizadoras que lotearam o vale do Peixe e o Oeste catarinense em moldes capitalistas, com cidades, chácaras e colônias previamente demarcadas. Estas áreas nasceram no século XX, numa época em que o crescimento urbano no Brasil incentivou a produção agrícola. Assim, a agricultura destas áreas nasceu ligada ao mercado: junto com a policultura comercial surgiram os numerosos moinhos de trigo e frigoríficos de suínos, todos de iniciativas locais e na maioria de dimensões modestas. O pequeno comércio colonial export-import deu origem a empresas de várias atividades, aproveitando os produtos primários regionais. Assim, comerciantes provenientes do Rio Grande do Sul, como Saulle Pagnoncelli S/A, produzem farinha e carnes frigorificadas (suínos), farinha de trigo, beneficiam madeira, além do importante comércio de abastecimento regional. Surgiram grandes empresas conhecidas nacionalmente (Sadia, Perdigão, etc.). A Perdigão tem frigorífico, curtume, moinho de trigo, maderleira, criação de aves, suínos e bovinos, comércio em geral (varado e atacado),

transporte de carga aéreo e rodoviário, além de depósitos em São Paulo, Rio, etc. Não deve surpreender, portanto, que uma ou duas empresas deram frequentemente origem às cidades (Paim: Jaconá; Joinville: Jaconá; Sadia: Concórdia; Perdigão: Videla).

Para completar o quadro da implantação das atividades primárias e secundárias é necessário esboçar o quadro da geografia do capital:

1. importantes investimentos de capitais urbanos na atividade agrícola das áreas de agricultura mais dinâmica. Numerosos industriais, comerciantes, profissionais liberais, etc., implantaram explorações agrícolas capitalistas no vale do Peixe (sulnocultura, viticultura, etc.), no vale do Itajaí (arroz, etc.);
2. comerciantes, profissionais liberais, etc., do sul investiram na extração do carvão, fazendo recuar, depois da segunda guerra mundial a presença de capitais externos (Rio, São Paulo, etc.);
3. capitais industriais das diferentes regiões de Santa Catarina se aplicaram em atividades industriais em São Paulo: Molino da Lapa (Sadia, de Concórdia), Malharia Hering (Hering, de Blumenau), Máquinas Ralman (Ralman, de Joinville), bem como, atualmente, no Nordeste;
4. atividades primárias e secundárias nas diversas regiões de Santa Catarina receberam investimentos externos: beneficiamento de fumo (Cla. Souza Cruz), mineração de carvão (Rio principalmente), Cervejaria catarinense em Joinville (Antártica Paulista), Cimento catarinense em Itajaí (grupo Votorantim), etc.

A atual hierarquização da vida de relações no Brasil, com a presença indiscutível de apenas duas metrópoles nacionais (São Paulo e Rio) e de poucas metrópoles regionais (Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Bolém), que constituem o nível superior da rede urbana brasileira, é um fenômeno recente e em processo mais acelerado após 1930.

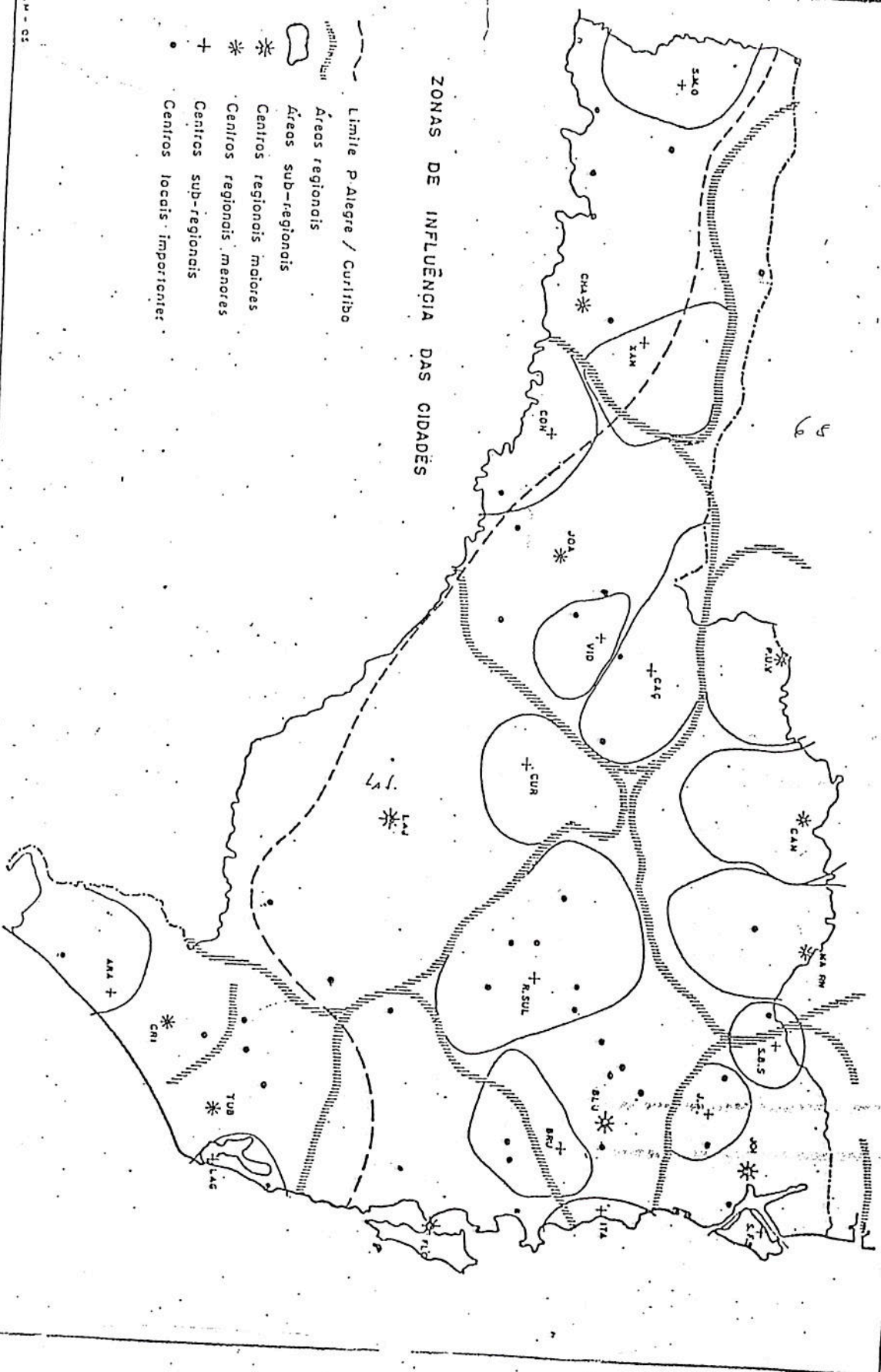
Nos fins do século XIX todo o Brasil meridional estava ligado comercialmente ao Rio de Janeiro, a grande praça importadora e comercial do país. Nem Porto Alegre, nem Curitiba exerciam influência comercial em território catarinense. Em 1872, nos inícios da industrialização brasileira, Porto Alegre contava aproximadamente com 20 mil habitantes (1960: 750 mil), Florianópolis com 20 mil (1960: 80.000) e Curitiba com 10 mil (1960: 350 mil).

Nos fins do século XIX o comércio de Florianópolis se abastecia no Rio de Janeiro mas também realizava importações diretas, particularmente da Alemanha. A Casa Hoepcke fretava navios em Hamburgo para o transporte das mercadorias que adquiria na Europa. Florianópolis abastecia, por meio de barcos

* OBS: PORTO ALEGRE (1980: 1.125.477)
CURITIBA (1980: 1.024.975)
FLORES (1980: 187.871)

ZONAS DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES

- Limite P Alegre / Curitiba
- Áreas regionais
- Áreas sub-regionais
- Centros regionais maiores
- Centros regionais menores
- Centros sub-regionais
- Centros locais importantes



próprios, o litoral vizinho desde Laguna ao sul até Parauapeçu no norte e também participava do abastecimento de Curitiba, Ponta Grossa (querosene, etc.). A fachada atlântica catarinense era a principal área de influência de Florianópolis (Casas Hoepcke - vau, Moellmann). A compartimentação desta área em inúmeros pequenos vales de contato direto com o mar incentivou o desenvolvimento de centros comerciais independentes (Itajaí, Blumenau, Joinville, Tubarão), além de que as áreas coloniais localizaram-se distantes de Florianópolis, o que igualmente facilitou a independência. Paralelamente à perda de velocidade de Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba cresciam rapidamente: a capital gaúcha sempre foi a única porta para o mar de toda a área centro-norte do Rio Grande do Sul, escapando de sua influência, neste particular, apenas a parte meridional ligada ao porto do Rio Grande. As colonizações alemã e italiana nas suas proximidades alargaram-lhe, não apenas momentaneamente, mas definitivamente, sua área de comércio, sem contar o estabelecimento em Porto Alegre de inúmeros destes imigrantes cheios de iniciativa.

Na década de 1930-40 deu-se o início da hierarquização na vida de relações no Brasil. Cessaram as importações de inúmeros bens produzidos internamente e São Paulo passou à condição de importante abastecedor não intermediário, mas produtor. Neste período surgiram, p. ex., depósitos da Cia. Souza Cruz em Florianópolis e em Joinville, abastecidos das fábricas de São Paulo e Porto Alegre. Atualmente existem depósitos em sete das oito regiões urbanas de Santa Catarina, abastecidos de Porto Alegre (filial-fábrica) ou de Curitiba (filial-depósito). Assim, em Santa Catarina somente a partir de 1930 começou-se a notar a presença de São Paulo e de Porto Alegre e somente a partir de 1950 a presença de Curitiba.

As oito pequenas regiões urbanas de Santa Catarina apresentam diferenças sensíveis quanto à organização de seus respectivos espaços. Nas áreas de Joinville e do vale do Itajaí nota-se que a vida regional é bastante equilibrada, sendo nítida a hierarquização desde a capital-regional até organismos pré-urbanos de funções complexas. Nas áreas de Florianópolis ou de Lajes percebe-se grande centralização da capital-regional na vida da área, inexistindo capitais sub-regionais. Em 1960 tínhamos os seguintes dados populacionais e urbanos:

	População total	População urbana	n.º de cidades	n.º de cidades p/1000 km ²
Vale do Itajaí ..	441 000	161 000	16	1,4
Joinville	188 000	88 000	7	1,2
Florianópolis ...	250 000	110 000	7	1,0
Sul	391 000	123 000	11	1,2
Vale do Pelze ..	224 000	57 000	7	0,7
Oeste	237 000	39 000	10	0,7
Lajes	264 000	71 000	6	0,25
Planalto norte ..	148 000	47 000	4	0,38

Quanto à organização interna das regiões urbanas, podemos distinguir três tipos em Santa Catarina.

As áreas alemãs, industrializadas e de policultura comercial, nas quais a vida regional é muito equilibrada: a) a urbanização é bastante forte: 1,4 cidades por 1000 km² no vale do Itajaí e 1,2 na área de Joinville; b) as capitais-regionais não concentram muito a vida regional: Blumenau representa apenas 30% da população urbana do vale do Itajaí; c) a hierarquização da vida de relações é nítida: uma capital-regional, duas ou três capitais sub-regionais, vários centros-locais do 1.º grau, vários centros-locais de 2.º grau.

As áreas de colonização luso-brasileira, nas quais é nítido um forte desequilíbrio regional: a) a urbanização não é elevada, mesmo numa área de pequenas propriedades rurais como a área de Florianópolis; b) as capitais-regionais concentram excessivamente a vida regional: Florianópolis representa 75% da população urbana de sua área, Lajes representa 55%; c) a hierarquização da vida de relações é bastante incompleta: inexistem capitais sub-regionais (na área de Lajes há uma capital sub-regional: Curitiba); d) as cidades pequenas estão frequentemente decadentes ou estagnadas (Tijucas, Bom Retiro, etc.).

As demais áreas estão em situação intermediária. No Sul há a anomalia de duas capitais que se equivalem (Tubarão e Criciúma) e no Planalto norte-catarinense a anomalia é maior: três capitais. No vale do Pelze a capital-regional, Joazeiro, não chega a influir sobre toda a região, mas a rede é relativamente equilibrada, o mesmo se dando no Oeste, cuja vida urbana está emergindo rapidamente.

Como se vê, as diferenças nas atividades primárias e secundárias refletem-se poderosamente no conjunto da vida de relações regionais.

ARMEN MAMIGONIAN

No cartograma da pág. 37, a convenção das áreas sub-regionais é: